

"Wapinot A"

NOITE

Rubem Braga

SINTO que, no bôjo da tarde tensa e morna, uma decisão foi tomada. Tudo conspira em silêncio: as árvores imóveis sob a pressão, o mar, as nuvens. Uma ave desce num mergulho oblíquo e, antes de recuperar altura, dá um grasnido agudo, como ferida. Um vento se ergue. Bêbedo ou louco êsse vento, que sopra sem direção, cambaleia no ar, cessa, bufa. Mas vem num crescendo: arrasta fôlhas rascantes, ergue poeira em remoinho, açoita, com areia da praia, o tronco das árvores trêmulas. E, de súbito, redobra em fúria, bate as portas, quebra vidros...

Que venha! Não abandonarei meu pôsto na varanda: já disse, sou um duro pastor, estou solidário com tudo — vem, vento, sôbre o meu peito nu.

Avança, sejas quem fôres, alucinado aquião ou austral demente; ronda o mar e a terra, como invisível cagalha hidrófoba, em ladridos loucos, partindo galhos e mordendo espumas, fazendo subir nuvens de pó pelo dorso dos montes duros; vem, invade esta casa — e tu, nuvem negra, despeja os raios de que estás prenha, fuzila no ar escuro, e ronca e estronda!

Tudo, a um tempo, é pânico e libertação, as árvores zunem, os grandes pinheiros chicoteiam o ar, o mar avança. Estou na varanda; que batam janelas, voem coisas, tudo se parta, quero viver em pleno ar esta revolta. Que os raios queimem esta casa, que importa? Tenho uns livros, uns quadros, tudo é papel, pano, madeira, nada. Que fulmine meu peito, tasque e torre meu corpo, que há nêle? Já vivi; milhares e milhares de vêzes se ergueu e se pôs o sol, e as estrêlas giraram sôbre esta cabeça, e a vida rodou com dôres e sustos e remorsos, e gozos — e me movi na água, na terra, no ar, que mais tenho a ganhar, que mais posso perder?

As primeiras bategadas me dão tapas, logo despenca a chuva grossa, com uma fúria animal, estrala nas lajes e telhas, faz brilhar as árvores agitadas no ar negro, corre pelos meus cabelos, pelo corpo, gorgoreja nas calhas e empapa as paredes, inunda o chão.

Lá dentro o telefone toca. Vou atender, alguém me diz alguma coisa banal que me parece absurda; só devíamos gritar uns para os outros, como primitivos: Chuva, chuva!

E então me enxugo, fecho as vidraças, apanho coisas no chão, arrumo uns papéis, restauro a ordem formal, mas não acendo a luz, e deixo uma porta aberta. Quero ficar assim, quieto, olhando a chuva, e a noite que desceu com a chuva, como a vingança e o perdão.

M 131
M 573
CM - 24.3.53
DN - 4.5.59
Rec'dis - 15.4.61
Rec'dis - 4.5.63
Rec'dis - 8.6.63
DN - 10.9.66

M 131
M 573
CM - 24.3.53
DN - 4.5.59
Rec'dis - 15.4.61
Rec'dis - 4.5.63
Rec'dis - 8.6.63
DN - 10.9.66

leixem a margem do cubito...
is que, nem por serem naturais na juventude, deixam de...
10/9/66

10/9/66